



A CONSTRUÇÃO DO SABER HISTÓRICO E AS DISPUTAS PELA MEMÓRIA NO CIBERESPAÇO

Carolline Acioli Oliveira Andrade

Mestranda em História pela Universidade Federal de Sergipe.

Graduada em História pela Universidade Federal de Sergipe.

E-mail: carollinehistoria@gmail.com

Diego Leonardo Santana Silva

Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe.

Graduado em História pela Universidade Federal de Sergipe.

Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/UFS/CNPq).

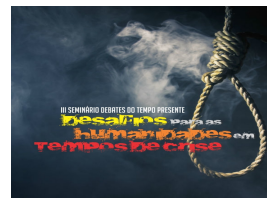
E-mail: diego@getempo.org

ST 7 - Mídias, Novas Tecnologias e Humanidades

A escrita da história é uma atividade que ocorre desde o mundo antigo. Nele homens como Heródoto e Tucídides narraram eventos que contavam a trajetória de deuses e heróis. Tal atividade servia para imortalizar na memória de seus povos façanhas que seriam transmitidas a inúmeras gerações.

O conhecimento foi transmitido aos moldes de cada época de modo que, ao longo da história isso ocorreu de maneiras diferentes, já que cada sociedade desenvolve seus próprios meios de coletar informação (DARTON, 2005). Quando Jean le Rond d'Alembert e Denis Diderot editaram a *Encyclopédie* em 1772, foi esboçada uma tentativa de elaborar um livro que organizasse o conhecimento da época. Tanto os franceses quanto os gregos antigos tinham hábitos de produzir e disseminar o conhecimento que fazia parte do mundo no qual eles viveram. E, por consequência, dar sentido a estes fatos.

Da mesma forma que os povos antigos construíram seus canais de disseminação de informação e conhecimento, os homens do terceiro milênio possuem seus meios de comunicação peculiares. Na chamada *Era Digital*, o desenvolvimento da Internet e a disseminação do acesso à rede através de computadores, smartphones,



tabletes e outros dispositivos resultou numa capacidade de produção e acesso a informação jamais vista gerando um *Dilúvio de Dados*¹.

Essa infinidade de informação se deve ao fato da capacidade de produção em meios digitais ser praticamente ilimitada. Na web, qualquer um pode criar uma página, o que faz da rede uma via de mão dupla que possibilita tanto produção de informação quanto o consumo da mesma. Com isso, é possível a qualquer indivíduo produzir sítios virtuais que relatem acontecimentos históricos. Esta dinâmica disponibilizada pela rede abre as possibilidades de tanto profissionais e institutos especializados disponibilizarem materiais de amplo alcance, como também a de existir portais que busquem em seu ambiente a construção de conhecimento coletivo, como o que ocorre no famoso portal *Wikipédia*.

1 – A Era Digital: Características e Possibilidades

O conhecimento histórico se dissemina de várias maneiras. Em meio a um dilúvio de dados, criou-se na internet vários ambientes destinados a temas históricos. As iniciativas são variadas e a quantidade das mesmas em um ambiente como o ciberespaço se torna extremamente difícil de enumerar. É muito fácil obter um espaço na rede, o que fez ser tomada por muitos canais de informação. Nela, o conhecimento se constrói levando em conta características próprias deste ambiente. Para James Gleick, assim como tecnologias anteriores, a internet também transformou a maneira que as pessoas se comunicam. Segundo este autor:

Como a prensa de tipos móveis, o telégrafo e o telefone, que a antecederam, a internet está transformando a linguagem simplesmente ao transmitir a informação de outra maneira. Aquilo que torna o ciberespaço diferente de todas as tecnologias anteriores da informação é sua mistura de escalas, da maior até a menor, sem prejuízos, transmitindo para milhões, comunicando-se especificamente com grupos, enviando mensagens instantâneas de um indivíduo para o outro (GLEICK, 2013, p.85).

¹ O termo *Dilúvio de Dados* é uma referência à grande quantidade de informação que é produzida na era digital. É uma alusão ao Dilúvio bíblico, só que, desta vez, são dados e não água. Para mais informações consultar: MAYNARD, Dilton C. S. **Memórias do Segundo Dilúvio: uma Introdução à História da Internet**. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/tempo/article/view/2721/2374>. Acesso em: 23/04/2018 às 14 horas e 05 minutos.



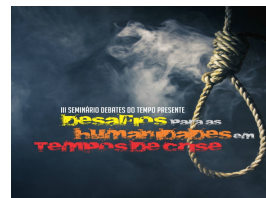
Ou seja, a internet é uma mídia que tem utilidade em várias escalas, sendo importante tanto para uma grande corporação quanto para uma pessoa que acessa apenas o *Whatsapp*. Essa é umas das principais características da internet e seu uso ocorre de várias maneiras para várias finalidades. Ter isso em perspectiva auxilia na análise das formas pelas quais a rede mundial de computadores é utilizada na prática historiográfica. Ela é importante tanto para quem deseja escrever um *blog* sobre curiosidades compartilhando informações e, em muitos casos, fontes, como também em grandes projetos historiográficos que podem contemplar abordagens de grandes editoras, canais midiáticos e propostas revisionistas.

A escrita da história no ambiente digital acontece neste cenário marcado pela simplicidade de uso e complexidade de iniciativas. Em 2007, Daniel J. Cohen e Roy Rosenzweig escreveram um manual para historiadores na era digital chamado *Digital History: a guide to gathering, preserving, and presenting the past in the web*. Nele, são apontadas sete qualidades e cinco perigos da mídia digital, que são:

This introduction briefly sketches seven qualities of digital media and networks that potentially allow us to do things better: capacity, accessibility, flexibility, diversity, manipulability, interactivity, and hypertextuality (or nonlinearity). We also talk about five dangers or hazards on the information superhighway: quality, durability, readability, passivity, and inaccessibility.²

Evidentemente que, após uma década da obra de Cohen e Rosenzweig, algumas coisas mudaram. Em 2007 a internet não tinha o modelo atual, assim como a internet daqui a uma década deve possuir características diferentes das atuais, porque o ciberespaço está em constante construção e expansão. Manuel Castells evidenciou isso numa metáfora que se tornou o título de um de seus livros: “A Galáxia da Internet”. Assim como em uma galáxia, a internet está em constante expansão. Isso aliado ao

² “Essa introdução esboça brevemente das mídias e redes digitais que potencialmente nos permitem fazer melhor as coisas: capacidade, acessibilidade, flexibilidade, diversidade, manipulabilidade, interatividade e hipertextualidade (ou não-linearidade). Também tratamos sobre cinco perigos ou riscos na supervia da informação: qualidade, durabilidade, legibilidade, passividade e inacessibilidade”. Tradução dos autores. COHEN, ROSENZWEIG. 2007. Disponível em: <http://chnm.gmu.edu/digitalhistory>. 2007.



desenvolvimento tecnológico que permitem o surgimento de novos dispositivos faz com que a forma de acessar a rede mundial de computadores se modifique com o tempo.

Evidenciaremos aqui dois problemas apontados por Cohen e Rosenzweig, começando pela *superhighway*, ou, supervia da informação. Primeiramente, em meio a um *dilúvio de dados* ocorre uma *overdose de informação*, ou seja, é muita água para os navegantes do dilúvio, fazendo com que a tarefa de se guiar no mesmo se torne tão difícil. Isso explica o sucesso do *Google* e outros buscadores, afinal, do que adiantaria ter um ambiente gigante para navegar e não saber chegar a informação que se deseja? Os buscadores foram elaborados para facilitar esse serviço. Surgem, então, o que chamaremos de “espaços de referência” na rede, que são sites com muitos acessos como as redes sociais, grandes portais de notícias e a *Wikipédia*.

Quem está escrevendo e consumindo história está em meio a esse ambiente repleto de informação. Se por um lado sites como *Google* e *Facebook* servem como espaços de referência, por outro, esses ambientes são moldados para fazer com que o usuário acesse-os o máximo possível e, para isso, como explicou Eli Pariser, criam filtros de informação assimilando o acesso a conteúdos simpáticos que o usuário mais acessa (PARISER, 2012). Isso gera uma bolha de informação na qual o indivíduo se encontra preso, pois acaba acessando apenas uma pequena parte daquele vasto ambiente, contribuindo para que narrativas opostas às acessadas não sejam mostradas. Como afirmou Pariser, as pessoas podem entrar em bolhas mesmo que não tenham escolhido estar ali (PARISER, 2012). Isso prejudica o diálogo com o diferente, e, no que diz respeito ao uso da rede para aprender história, pode levar os usuários a uma visão unívoca, sem espaço para o contraditório.

O segundo problema é referente a qualidade da informação. A disseminação de mensagens falsas, conhecidas também pelo termo *Fake News* encontram na rede um ambiente para se proliferar, embora tal fenômeno não seja algo recente³. Ou seja, além de poder estar preso em uma bolha, essa bolha pode estar repleta de *Fake News*, o que acaba comprometendo significativamente o estudo e a interpretação de acontecimentos

³ Na virada do milênio espalhou-se na internet uma corrente de e-mails que afirmava que a rede mundial de computadores iria travar ou gaguejariam quando o ano virasse (GLEICK, 2013, p.331)



históricos. Com tanta desconfiança em relação a veracidade de fontes surgem também projetos historiográficos de grande escala, em boa parte revisionistas, como o projeto *Brasil Paralelo* (<https://www.brasilparalelo.com.br/home/>). Ao mesmo modo, são expostas outras iniciativas como “A História do Brasil por Bóris Fausto”, que possui seus episódios disponibilizados no *Youtube*. Ou seja, ambientes plurais existem, no entanto, há a possibilidade de comprometimento da veracidade e a ausência de criticidade das informações presentes nesses locais.

Para analisarmos as disputas pela memória no ciberespaço devemos levar em consideração as características mencionadas anteriormente. Além disso, é necessário delimitar que compreendemos o ciberespaço como um local e não apenas como um recurso. Segundo Pierre Lévy:

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ele abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (LEVY, 2010, p.17)

A título de diferenciação básica, a internet é o canal onde a informação transita, já o ciberespaço é o ambiente que surge a partir do uso da internet. O ciberespaço possui características próprias, gerando o que chamamos de *Cibercultura*, que é “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se é “o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores” (LÉVY, 1999, p.17).

Tais definições são importantes, pois é necessário ressaltar que, como explica Michel de Certeau, o fazer histórico está inserido em um determinado lugar social. O ciberespaço é um local repleto de manifestações e formas de pensamento que devem ser levados em conta ao analisar como a prática historiográfica se insere no mesmo. Ainda segundo o mesmo autor “é em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhe serão propostas, se organizam” (CERTEAU, 1982, p.66).



A prática historiográfica adentrou no ciberespaço e nele são criados sites, blogs, perfis em redes sociais que se propõem a expor conteúdo histórico trazendo elementos da cibercultura para a prática historiográfica. Ou seja, na esteira de Certeau, a prática se insere e se organiza conforme o local social no qual ela se insere. Evidentemente, as práticas historiográficas se inserem no ciberespaço, não são resultado do mesmo. Iniciativas como o revisionismo negacionista existem há décadas, no entanto, inserindo-se no ciberespaço, tem se apropriado dos recursos digitais para realizar e divulgar suas atividades de forma diversificada e ampliada. Como explica Dilton Maynard, “com a emergência de diferentes portais na World Wide Web, desenhou-se um oceano de informações. Afloraram daí múltiplas memórias e tentativas de reescrita da história” (MAYNARD, 2011, p.44). É nesse contexto que ocorre uma disputa pela memória e interpretação dos acontecimentos históricos.

2 – As Memórias Coletivas na Era Digital

O ciberespaço foi acrescido de memórias coletivas sobre acontecimentos históricos. Como explica Antoine Prost, a história comporta dois momentos. O primeiro é quando os fatos são conhecidos, já o seguinte é referente ao momento de expô-los de maneira coerente (PROST, 2012, p.53). O historiador é incentivado a contestar a suas fontes, sendo alertado desde cedo a não aceitar cegamente o que os documentos afirmam. (BLOCH, 1999, p.89). Toda fonte deve ser contestada, e em um ambiente com múltiplas informações este princípio deve ser sempre observado. Historiadores devem estar atentos às manifestações presentes no ciberespaço. Para Jacques Le Goff:

Toda a evolução do mundo contemporâneo, sob a pressão da história imediata em grande parte fabricada ao acaso pela *media*, caminha na direção de um mundo acrescido de memórias coletivas e a história estaria, muito mais que antes ou recentemente, sob a pressão dessas memórias coletivas. (LE GOFF, 1990, p.473)

As disputas pela memória inserem a historiografia em meio a disputas políticas. Eric Hobsbawm chamou atenção sobre como o passado pode legitimar ações do presente. Para ele “o passado legitima. O passado fornece um pano de fundo mais glorioso a um presente que não tem muito o que comemorar” (HOBSBAWM, 2013,



p.18). Ainda segundo este autor, caso não haja um passado satisfatório é necessário construí-lo. Isso acontece devido ao passado servir como base para as ações do presente (HOBSBAWM, 2013). Portanto, esse presente se encontra em paradoxo. É um presente que se mostra inquieto pela impossibilidade de “ser seu ponto de vista sobre si mesmo” e pela incapacidade de preencher lacunas aprofundadas entre a experiência e expectativa (HARTOG, 2013, p.156), para tomar de empréstimo as categorias de Koselleck. Assim, esse presente busca reunir, do passado, os elementos para construir uma representação satisfatória de si mesmo. No entanto, esse presente também se encontra marcado pela diversidade de vozes, discursos, interpretações da história e de memórias pertencentes aos diferentes atores e grupos sociais.

A partir de meados do século XX, em especial a partir da década de 1960 e 1970, atores sociais que tiveram suas vozes abafadas por séculos, passaram a reivindicar um lugar de fala próprio de onde passariam a operar a sua própria escrita da história. Os historiadores, por sua vez, passam a escrever sob a pressão das múltiplas memórias coletivas que emergem nesse momento. O ciberespaço potencializou e amplificou as diversas vozes desses atores sociais e, ainda, permitiu o uso político da rede em nome da construção/desconstrução de determinados discursos e memórias. Isso enfatiza o fato de que disputas pela memória são travadas também por atores políticos, no sentido de que a história “serve” para justificar algo que se quer reivindicar, como por exemplo uma posição política a qual se deseja afirmar.

O ciberespaço é um ambiente marcado pelos debates contemporâneos. A cada momento notícias são divulgadas e logo surgem opiniões sobre as mesmas. A memória se torna objeto de disputas. Um exemplo de evento contemporâneo onde percebemos isso é o Impeachment da presidente do Brasil, Dilma Rousseff, em 2016. Ao longo do processo, discursos conflitantes sobre o viés da deflagração do impeachment se colocaram em disputa. Por um lado, havia aqueles que consideravam o impeachment um ato legítimo devido a supostos crimes de responsabilidade cometidos pela presidenta. Por outro lado, uma narrativa diferente apresentava este fato como um golpe de estado praticado pela oposição da presidenta e que atendia a interesses nefastos.



A escrita da história deste acontecimento ocorreu de maneira rápida, sendo o ciberespaço tomado por várias abordagens sobre o tema, tornando-o um dos ambientes onde essa disputa de narrativas aconteceu mais veementemente, com seus agentes escrevendo e compartilhando mensagens sobre o tema em quantidade e velocidade acelerados. O uso de um evento recente como exemplo para explicar a abordagem demonstra como a contemporaneidade se torna alvo de disputas nos meios digitais.

Mas como explicou Henry Rousso, a contemporaneidade é algo que sempre foi abordado em cada época. Para ele “a contemporaneidade significa, também a possibilidade para o historiador de agir sobre seu presente, quer ele seja um ator dos eventos que ele descreve, quer seu ato de narrar apresente uma utilidade pública” (ROUSSO, 2016, p. 46).

Uma rede mundial de computadores repleta por várias narrativas demonstra como um acontecimento histórico pode ser apropriado por várias vertentes. Nesse processo de apropriação, a construção do passado se mostra de extrema importância, pois para muitos o mesmo serve com guia e/ou legitimador para as ações do presente. Não que a história não deva ser alvo de questionamentos ou que haja um discurso soberano que não possa ser contestado. No entanto, iniciativas como o projeto do revisionismo negacionista da extrema-direita, que nega acontecimentos como o *Holocausto* e no Brasil tem buscado revisar a história do Regime Militar negando seu caráter ditatorial, acabam ganhando espaço em meio a estes debates.

Historiadores e professores de história se veem em meio a disputadas de narrativas como esta mencionada neste artigo. O posicionamento dos mesmos neste cenário acontecerá seja qual for o lado escolhido já que o historiador é também um agente ativo em seu tempo. Não há como distanciar historiadores de seu local social e dos questionamentos do seu tempo.

3 – O Historiador nos Embates pela Memória

A importância da História, assim como seus usos, se modificam com o tempo com diferentes sentidos sendo atribuídos à mesma. Como explicou Henry Rousso, durante o

Faculdade Pio Décimo/Universidade Federal de Sergipe - 25 e 26 de abril de 2018

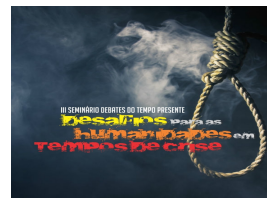


medieval a matéria da história era vista como uma continuidade de tradições imutáveis, com a mesma sendo fruto de uma vontade divina. Já com a Revolução Francesa a história é inserida em um contexto de mudanças revolucionárias (ROUSSO, 2016). Ou seja, em cada época o sentido da história muda em cada época. Isso está relacionado aos usos da história em prol de diversos interesses, selecionando aquilo que se quer lembrar e também aquilo que devemos esquecer.

A função dos historiadores neste contexto está relacionado ao sentido da história na realidade social a qual ela está inserida. O historiador é um agente do seu tempo, não estando imune às disputas e questões de seu tempo. Evidentemente que historiadores acabam sendo inseridos em meio a essa constante disputa pela memória e interpretação de acontecimentos históricos que ocorre no ciberespaço. Tais disputas nos faz refletir sobre a importância da interpretação dos acontecimentos históricos e também sobre a relação entre a verdade e a função social da história.

Antoine Prost nos lembra que “todas as histórias são boas com a condição de se basearem em um método” (PROST, 2012, p.253). A defesa da importância do método feita por Prost é fundamental já que é a maneira de trabalhar as fontes que diferencia uma pesquisa realizada por historiadores de uma realizada por amadores. Por ser um tema de interesse geral, a prática historiográfica é exercida por muitos que, em alguns casos, não possuem familiaridade com as ferramentas de pesquisa deste campo. Não se trata de segregar as narrativas e sim de compreender que o estabelecimento das mesmas é fruto da ação de seus agentes que possuem determinados interesses na escrita da mesma já que, segundo o próprio Prost “a história afirma o que é verdadeiro; no entanto, suas verdades não são absolutas” (PROST, 2012, p.257).

Com o tempo, novas abordagens e questionamentos surgem. Devido a várias características (algumas mencionadas neste artigo) o ciberespaço é um ambiente propício à batalhas de narrativas e disputas pela memória e interpretação de fatos históricos. O que não se pode ignorar é que a história possui um papel social. Como já mencionado neste artigo, a mesma pode servir como base para ações no presente. Uma função que os historiadores que acabam sendo inseridos neste contexto podendo servir como um ponto de referência, ou seja, guiar o debate, principalmente em sala de aula.



Não há como ignorar o fenômeno apresentado neste artigo, ao pensarmos o papel dos historiadores em tudo isso. Historiadores são atores de seu tempo e devem estar atentos a esta guerra de narrativas, como também as disputas pela memória, refletindo sobre aquilo que se pode e se quer lembrar e, principalmente, aquilo que querem esquecer.

Conclusão

Os estudos referentes a produção do saber histórico e as disputas pela memória no ciberespaço são, evidentemente, um campo em movimento. A partir das características apresentadas e discutidas neste artigo verificou-se que a maneira a qual este processo está ocorrendo carrega consigo características do ciberespaço, embora tal prática (escrita da história e batalha de narrativas) não tenham surgido disso, tampouco são produto da cibercultura.

A popularização dos recursos digitais e da internet representou a presença de uma nova mídia que ascendeu como um dos principais canais de informação do nosso tempo. Os embates referentes a interpretação dos acontecimentos históricos provenientes na rede mundial de computadores representa um exemplo da importância da memória histórica. Como vimos, a interpretação do passado pode servir como legitimador para ações no presente, o que remete de imediato a concepção de que estes debates carregam consigo outro ingrediente: as disputas políticas e ideológicas. Ao observar os recentes acontecimentos e grandes debates no Tempo Presente não há como não levar em conta o viés político que está inserido nestas atividades.

Sendo assim, compreendendo os historiadores e professores de história também como agentes de seu tempo, se faz necessário um olhar atencioso ao fenômeno aqui estudado já que esta disputa pela interpretação e memória dos acontecimentos constitui um debate com viés político e ideológico sobre os usos e apropriações da história.

Referências Bibliográficas

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes ;*revisão técnica [de] Arno Vogel. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.



COHEN, Daniel. ROZENZWIEG, Roy. **Digital History: a guide to gathering, preserving, and presenting the past in the web.** Disponível em: <http://chnm.gmu.edu/digitalhistory/>; Acesso em 20/04/2014 às 18 horas e 23 minutos.

DARNTON, Robert. **Os dentes falsos de George Washington: um guia não convencional para o século XVIII.** Tradução José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras: 2005.

GLEICK, James. **A Informação: Uma história, uma teoria, uma enxurrada.** Tradução de Augusto Calil. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HARTOG, François. Ordem do Tempo II. In: **Regimes de Historicidade: presentismo e experiência do tempo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2013

HOBBSAWM, Eric. **Sobre História.** Tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** Tradução de Carolos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

MAYNARD, Dilton C. S. **Memórias do Segundo Dilúvio: uma Introdução à História da Internet.** Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/tempo/article/view/2721/2374>. 2011.

MAYNARD, Dilton. **Escritos sobre história e internet.** Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2011.

PARISER, Eli. **O Filtro Invisível: o que a Internet Está Escondendo de Você.** Tradução Diego Alfaro. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PROST, Antoine. **Doze Lições Sobre a História.** Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

ROUSSO, Henry, **A Última Catástrofe: a história, o presente, o contemporâneo.** Tradução de Fernando Coelho e Fabrício Coelho. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016.